

# Ulysses diz que Constituinte não tem medo

BRASÍLIA — “O povo nos mandou aqui para fazê-la, não para ter medo”. Pausadamente e com voz firme, usando muitas frases de efeito, o deputado Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, respondeu ontem, com um discurso em plenário, as críticas feitas na véspera pelo presidente José Sarney ao projeto da nova Constituição. Aplaudido pelos constituintes de centro-esquerda, em diversos trechos do pronunciamento, Ulysses admitiu que o texto tem imperfeições, mas insistiu que o segundo turno será apenas revisionista.

“A Constituição, com as correções que faremos, será a guardiã da governabilidade”, disse Ulysses, às 16h08, arrancando aplausos dos constituintes, que se levantaram. Seguindo o exemplo do deputado José Lourenço, líder do PFL, a maioria quase absoluta dos parlamentares do *Centrão* permaneceu quieta. Foi a resposta direta de Ulysses a Sarney, que afirmou que o Brasil corre o risco de tornar-se ingovernável a partir da promulgação da nova Constituição.

**Indiretas** — Sem fazer referên-

cias diretas ao discurso presidencial, Ulysses respondeu as críticas sobre os novos benefícios da Previdência Social e à reforma tributária, que beneficiará Estados e municípios. “Temos muito mais do que nos orgulhar do que nos arrependermos da Constituição que escrevemos”, sustentou.

Ao finalizar o discurso, dando “um viva à Constituição de 1988” e um viva à “vida que ela vai defender e semear”, Ulysses despertou o deputado José Lourenço, que quis manifestar suas discordâncias. O plenário, contudo, reagiu imediatamente, fazendo barulho e gritando: “Vai para Angola”, numa alusão à origem do deputado, que nasceu em território angolano. Houve, ainda, quem comparasse Lourenço a Salazar, que chefiou uma longa ditadura em Portugal. Mesmo assim, o líder do PFL fez suas queixas.

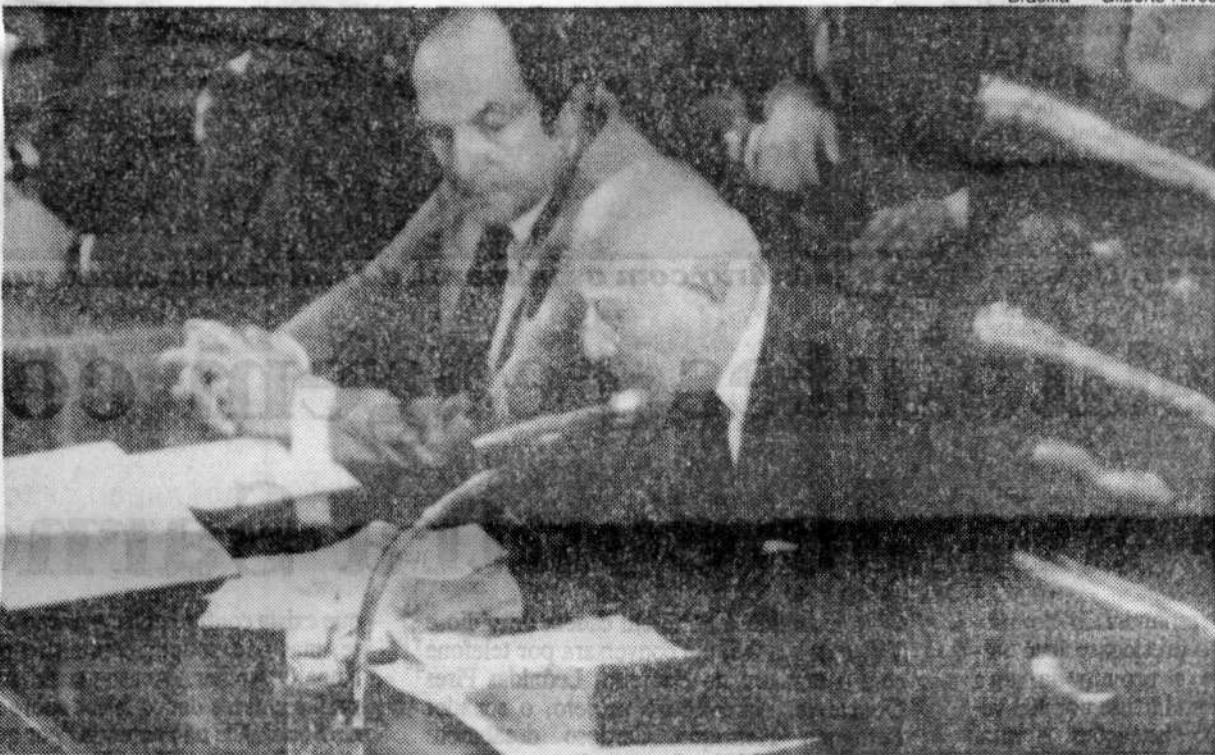
**Militares** — Ulysses decidiu pela manhã que não requisitaria uma cadeia nacional de rádio e TV para responder as críticas de Sarney. Seu pronunciamento, entretanto, será divulgado pelo programa *Diário da Constituinte*,

transmitido por todas as emissoras de televisão do país, em horários diferentes, e pela *Voz da Constituinte*, seu congêneres no rádio.

Pela manhã, em casa, Ulysses escreveu à mão seu discurso, que foi datilografado espaçadamente em oito laudas, totalizando 88 linhas. Enquanto preparava o texto, o presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte recebeu um telefonema de um ministro militar, que lhe transmitiu o termômetro da repercussão do pronunciamento presidencial nos quartéis. Foi um gesto tranquilizador para o deputado, segundo um de seus interlocutores, animando-o a endurecer ainda mais seu pronunciamento.

Ao entrar no prédio do Congresso, às 15h53, Ulysses não escondia seu nervosismo. Ao seu lado, sua mulher, dona Mora, reforçava o clima de apreensão, já que ela raramente vai ao Congresso Nacional. Cercado por um batalhão de jornalistas, Ulysses não abriu a boca. Antes de subir à tribuna, reuniu-se, entretanto, com os dois constituintes mais velhos: os senadores Afonso Arinos e Néelson Carneiro.

Brasília — Gilberto Alves



Ulysses disse que serão corrigidas as imperfeições no texto

## “A fome e a miséria são ingovernáveis”

Esse foi o discurso do presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães:

“Quando iniciamos a votação do segundo turno do projeto da futura Constituição, testemunho o trabalho competente e responsável dos constituintes nas subcomissões, comissões temáticas, Comissão de Sistematização e no plenário. As 39.000 emendas estudadas e apresentadas documentam esse extraordinário esforço e o empenho posto pelos constituintes em contribuir conscienciosamente para a qualidade do texto. Foi longa a travessia de dezoito meses. Cerca de 5.400.000 pessoas livremente ingressaram no edifício do Congresso Nacional. Quem leva, sem discriminação, contribuição ou crítica a fazer, podem temporariamente fazê-lo. As portas estavam e continuam abertas. E só transpô-las.

Saúdo o relator Bernardo Cabral, que confirmou seu renome de jurista e sua espartana dedicação; coadjuvado pelos relatores adjuntos Konder Reis, José Fogaça e Adolfo Oliveira. Sem a compreensão e o talento dos líderes partidários não chegaríamos à fase atual de nossos trabalhos. Os funcionários e representantes da imprensa merecem nosso reconhecimento. O projeto submetido a segundo turno é longo — 321 artigos — versando matéria complexa e tantas vezes controversa. Inevitavelmente abriga imperfeições, previamente previstas com a instituição de um segundo turno revisionista e pelo número de emendas e destaques apresentados. Existem, reconheço, vamos corrigi-las.

Mas, mesmo na fase atual, temos muito mais do que nos orgulhar do que nos arrependemos da Constituição que escrevemos. Assinale-se sua coragem em inovar, a começar pela arquitetura original de sua confecção, rompendo padrões valedutários e enfrentando a rotina e o *status quo*. Não ouvimos o *establishment*, encarnado no velho do Restelo, conclamando, na praia alvoroçada da partida, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Camões para permanecerem em casa, saboreando bacalhau e o caldo verde, ao invés da aventura das Índias, do Brasil e dos Lusíadas e amaldiçoando “o primeiro que, no mundo, nas ondas velas quis em seco lenho”. Esta Constituição terá cheiro de amanhã, não de mofo.

Para não me alongar, reporto-me a alguns aspectos, que repito inaugurais, do texto ora submetido ao crivo da revisão Constituinte. A soberania popular, sem intermediação, poderá decidir de seus destinos. Os cidadãos apresentarão propostas de lei, portanto terão a iniciativa congressual, e também os cidadãos poderão rejeitar projetos aprovados pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal. Portanto, propõem e vetam. Poucas Constituições no mundo democrático têm essa presença direta e atuante da sociedade na elaboração dos preceitos de império em seu ordenamento jurídico. O Brasil será, assim, uma república representativa e participativa. Teremos a convivência e a fiscalização de mandatos e mandatários a serviço da sociedade.

Após quase 500 anos, o projeto redime a geografia do Brasil. Nossa geografia é violentada pela concentração nacional de rendas e de competência. Nossa geografia é regional e local, com municípios maiores do que muitos países. As urnas dão votos para os governadores e prefeitos administrarem, mas só a autêntica federação dá o dinheiro para que tais governos dêem respostas às necessidades localizadas. Federação é governo junto com o homem, não o homem correndo atrás do governo estadual ou de Brasília, freqüentemente longínquo e indiferente.

Esta alforria, do homem e de seus governantes, foi decretada pela transferência de 47% dos recursos da união para os estados e municípios, 21,05% àqueles e 22,05% para estes. Se não tivéssemos feito mais nada, só com isso teremos feito muito. Cooperaremos para reversão da instável e injusta pirâmide social brasileira de 130 milhões de brasileiros carentes na base projetada para o ar e apoiada em seu vértice em Brasília, onde estão os recursos. Com os modernos conceitos de segurança, estamos entre os sete países que a adotam, instituindo a universalidade dos beneficiários, mesmo aos que comprovadamente não possam contribuir.

Como governar é encurtar distâncias, diminuir-se pela equivalência a separação entre o trabalhador rural, com oito benefícios, e o urbano, com trinta e dois. Quanto aos onze milhões de aposentados, foi-lhes garantido o valor real dos proventos através do tempo, para que não sejam destroçados pela inflação, como hoje ocorre, ocasionando a humilhação, o desespero e a morte.

Senhores constituintes: A Constituição, com as correções que faremos, será a guardiã da governabilidade. A governabilidade está no social. A fome, a miséria, a ignorância, a doença inassistida, são ingovernáveis. A injustiça social é a negação do governo e a condenação do governo.

A boca dos constituintes de 1987-1988 soprou o hálito oxigenado da governabilidade pela transferência e distribuição de recursos viáveis para os municípios, os securitários, o ensino, os aposentados. Repito: está será a Constituição cidadã, porque recuperará como cidadãos milhões de brasileiros.

Cidadão é o usuário de bens e serviços do desenvolvimento. Isso hoje não acontece com milhões de brasileiros, segregados nos quetos da perseguição social. Esta Constituição, o povo brasileiro me autoriza a proclamá-la, não ficará como bela estátua inacabada, mutilada ou profanada.

O povo nos mandou aqui para fazê-la, não para ter medo. Viva a Constituição de 1988! Viva a vida que ela vai defender e semear!